

# Stadium

N.º 152 \* 31 DE OUTUBRO DE 1945 \* PREÇO 1\$50



O desafio Belenenses-Atlético, na Tapadinha, muito bem disputado, forneceu belas imagens do jogo. Vemos Rogério, o novo e habilidoso interior do Atlético, numa posição ginástica, revelando agilidade, saltar à bola para a jogar de cabeça, ao mesmo tempo que Capela defende. Os outros jogadores, como Gregório, seguem atentamente o lance.

# O BELENENSES ENTRA NA 2.ª VOLTA COM O PÉ DIREITO

## O resultado de 5-0 a favor do Estoril fica na história do futebol lisboeta

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

**T**EMOS um Campeonato de futebol de Lisboa como já não havia há muito tempo. Acostumados como estávamos a ver sempre os Clubes Históricos numa situação de verdadeira supremacia, não deixa de surpreender o que se está a passar! Benfica e Sporting foram ultrapassados por dois concorrentes, e a sua posição na Tabela apresenta-se escorregadia. Um passo em falso, e um deles cairá ao mar, na Segunda Divisão. Trela-se de um torneio em que todos os concorrentes medem forças com forças sensivelmente iguais. Quem havia de dizer que o Estoril seria capaz de vencer o Sporting pela diferença de cinco bolas? Ainda que a Cuf resistisse ao Benfica de modo a arrancar um empate, mesmo no Campo Grande?

A jornada, especialmente por causa dos 5-0 favoráveis ao Estoril, fica na história do futebol lisboeta. Tendo chovido muito na véspera e durante o dia, e um pouco no decorrer das partidas, mais uma vez se reconheceu a necessidade da generalização dos campos relvados.

A última jornada da Primeira Volta e 5.ª do respectivo Calendário, vista em conjunto, não é de molde a causar apreensões quanto ao nível do *association*, pese à desdida dos Grandes e à ascensão dos outros. Uma coisa é sempre consequência da outra, e não vale a pena, de momento, investigar o caso. A qualidade do futebol praticado na Tapadinha assim o confirma.

Por outro lado, o público compareceu em grande número. Nada consegue afastá-lo, nem a chuva em bátegas.

O Belenenses deu um grande passo a caminho do título; e o Atlético colocou-se decisivamente numa posição vantajosa. O Estoril ainda não ditou a última palavra. Da sua acção depende uma coisa importante. Só o grupo de Cuf, apesar de uma intervenção honrosa no pleito, parece condenado. Algum *team* há-de ficar de fora!

### Belenenses e Atlético dois «teams» de bom jogo

Belenenses-Atlético produziram excelente jogo. Ou razoável jogo. Nunca estiveram mal. Uma primeira parte particularmente brilhante, com perguntas e respostas. Um segundo tempo de superioridade belenense, acusando o seu adversário o esforço a que joga naturalmente submetido. Mesmo neste fase — impõe-se que diga — o Atlé-

lico lutou com ânimo, obrigando o adversário a empregar-se a fundo.

Frente a frente, dois grupos puros de moral. Certo é que tem grande influência o revestimento técnico, mas não há dúvida que a primeira condição que uma equipa precisa para passar todos os obstáculos é estar convencida de que tem valor e forças para isso. O *team* do Belenenses tem esse convencimento, assim como da boa *forma* em que se encontra. Não deve admirar que os mesmos homens da época passada se encontrem num momento tão apurado, tecnicamente. A lei da *forma* é variável, e o conjunto está muito afinadinho. Tocá-ludo certo. Há um bom chefe de banda.

O primeiro tempo foi excelente. Não se visam as grandes jogadas individuais, tão vulgares no futebol do passado, ainda que alguns lances e detalhes tivessem graça. Em contra-partida, registaram-se movimentos de conjunto de puro estilo. Os jogadores, mesmo dentro da fórmula da marcação, e submetidos ao sistema, deram asas à sua fantasia — procurando viverem em campo a idêntica de ataque.

Ambas as defesas tiveram trabalho de mérito e de muita atenção. Tornou-se, porém, evidente o grande papel desempenhado pela defesa de Belém, forte e sólida, enérgica e de uma resistência a toda a prova.

Tendo-se chegado ao intervalo com os grupos empatados dois-dois, dificilmente o Atlético poderia deixar de ceder. . . Cã das bancadas — é fácil dizer o contrário. Lá dentro, um ataque que encontra a defesa belenense, num tempo como o de domingo e nas condições já referidas, vai perdendo aos poucos e coragem e a força muscular, submetido a trabalho de desgaste intenso e contínuo, de todos os momentos.

O cilindro passa por cima do terreno, esmagando tudo na sua passagem!

O Atlético procurou ainda, na segunda parte, dar réplica viva e ardente. Mas o terceiro *goal* belenense transformou-se em sentença inexorável. O vencido continuou ainda a batalhar, não perdendo a sua organização, mas já o Belenenses se afirmava, então, como vencedor certo. E o Atlético não perdia a sua organização devido ao trabalho e à pericia do médio-centro, que, ocorrendo infatigavelmente a todos os recantos, conseguiu dar ordenação ao jogo do seu grupo e manter-lhe a boa estrutura. Magnífica espécie de jogador!

O Belenenses conservou intacta a sua organização. A perder, não

se desmoralizou, nunca abalada a serenidade. A ganhar, com mais forte razão. O *team* produziu belos lances, não se dando exclusivamente ao passe triangular, mas também ao *serviço* em profundidade, sendo notável o labor dos seus interiores. No fundo, o seu comportamento justifica o que se passou. Enquanto que do lado do Atlético, tapado o caminho ao avançado-centro, se perdeu um pouco o sentido do remate, tal não aconteceu no Belenenses. Por exemplo: o seu avançado-centro rematou sempre, algumas vezes torto e precipitado, como é natural. Mas o que importa é rematar sempre. Pormenor importante num grupo em que os interiores, com as qualidades que apontámos, não têm decididamente o gosto do remate.

Toda a defesa do Belenenses esteve bem. A linha média, sem brilhos, cumpriu a sua tarefa. No ataque, deslocaram-se os homens do trio inferior.

No Atlético, também a defesa desempenhou bom papel. Médio-centro muito bom, e laterais inferiores. O interior esquerdo produziu os melhores lances: a sua asa foi bem mais perigosa do que a outra, pouco servida de jogo.

Sob a arbitragem do sr. Luis de Magalhães, eis os grupos:

**Atlético** — Peiva, Baptista, Francisco Lopes, Galinho, José Lopes, Moreis, Micael, Armindo, Gregório, Rogério e Marques.

**Belenenses** — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Refael.

### A organização do Estoril em contraste com a confusão...

O Estoril Praia não venceu por acaso. Nunca se vence pelo sorte do jogo por cinco bolas de diferença. Tal como decorreram as coisas, o resultado aceita-se e tem ali justificação. Esta não se encontra, como em princípio se poderia julgar, na falta de Azevedo. É certo que não deixa de ser triste ver-se o Sporting a braços com esta situação: faltar-lhe um homem e não ter substituto à altura, especialmente numa função específica como é a do guarda-redes. Mas o substituto que esteve nas balizas leoninas, com culpas acenuadas em uma das bolas, não teve culpa em todo o resto.

A primeira condição que se exige a um grupo de categoria e responsabilidades é que todos os seus componentes joguem com esforço, energia e dedicação. Manda a ver-

dade que se diga que tal não acontece. A excepção de Peyroteo, um batalhador infatigável, de Barrosa e M. Marques, os outros aceitaram os acontecimentos com um estoicismo de estorrecer. Dir-se-ia que nada bolia lá por dentro!

O Estoril jogou bem, ficando a grande distância do seu adversário, no capítulo técnico. A máquina funcionou com regularidade, sem perder o ritmo e o conjunto, quer à defesa quer ao ataque. Todos os homens bem colocados e procurando tirar vantagem da situação. Jogo de conjunto, com vontade individual. Preocupação evidente de ligação de esforço e inteligência.

O contraste com aquilo que se passou no campo adversário, em que o jogo produzido teve sempre, ou quasi sempre, características de desapego e especialmente de destreza e desarmamento, aos repêlões e encontros, numa pavorosa confusão e indisciplina de movimentos!

Como acusação ao Sporting basta dizer isto: tendo o grupo sido favorecido com um *penalty*, não havia um homem capaz de o marcar, em virtude de Albano não ter alinhado. A gente sorri... mas é assim mesmo.

Arbitrou Carlos Canuto. Os grupos apresentaram as seguintes linhas:

**Sporting** — Magalhães, Cardoso, Marques, Veríssimo, Barrosa, Lourenço, Jesus Correia, Ferreira, Peyroteo, A. Marques e João Cruz.

**Estoril** — Valongo, Pereira, Elói, Mateus, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Moto, Vieira e Raul Silva.

### Empate merecido no Campo Grande

O desafio do Campo Grande também teve um desfecho inesperado. No entanto, visto o jogo, o empate 2-2 aparece com lógica. Todos os desafios são difíceis, e esta verdade anda esquecida. Ao marcar a primeira bola, num repente, e ao ver a mecânica defensiva do jogo da Cuf, o Benfica pensou certamente ser-lhe fácil arrancar um triunfo, dominando o adversário.

Ora, às vezes sucede que um grupo deixa invadir o seu território, conservando embora o seu poder atacante intacto. Espreita apenas a oportunidade de desencadear a tempestade. De sorte que o adversário pouco avisado deixa-se surpreender.

O Benfica não atrevessa um bom momento de jogo. Tem, entretanto, facilidades de recuperação. Mas não se justifica lá muito bem o desaparecimento de tradicionais qualidades, como a rapidez. O «onze» do Benfica tem de jogar com velocidade e alegria, apêgo constante à luta, vibração e entusiasmo. Se assim não acontecer — fica um grupo como tantos outros...

O «onze» da Cuf está a revelar capacidade e boa organização. Os seus elementos dão mostras de entendimento do sistema que estão a aplicar, revelando também destreza na execução. A subida de Eduardo Santos exerce, por sua vez, salutar influência no conjunto. Daí o empate, merecido.

Arbitrando Domingos Godinho, eis os alinhamentos:

**Benfica** — Martins, Gaspar, Cerqueira, A. Teixeira, Moreira, F. Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Espírito Santo, M. Teixeira e Rogério.

**Cuf** — Eduardo Santos, Arnaldo Reis, Armindo, Curtinhal, Félix, Gestão, Armando Carneiro, Travassos, Arnaldo Carneiro, Vicente e Tanginho.

## ATLETISMO

# Balanço do final da época

## II — Velocidade prolongada

Comentários pelo Dr. SALAZAR CARREIRA



MATOS FERNANDES, um atleta completo, orgulho do atletismo português, no salto à vara

INCLUINDO nesta categoria as corridas entre os 400 e os 800 metros, conforme a divisão hoje aceita por todos os modernos tratadistas do atletismo, encontramos contudo nítida separação entre os grupos de praticantes portugueses que melhor figuraram nas duas distâncias clássicas apontadas. Apenas José Vicente e João Jacinto distribuem pelos 400 e 800 m. a sua actividade; todos os restantes especialistas de 400 m. acumulam com os 200, enquanto os dos 800 m. derivam para as distâncias imediatas do meio-fundo curto.

Não se trata, em boa razão, de uma exclusiva tendência portuguesa, pois também nos melhores países do atletismo se verifica a mesma separação entre os especialistas das duas corridas, raras sendo aquelas que figuram em ambas.

Os melhores corredores do ano em 400 metros foram homens novos na prática do atletismo, assegurando a renovação indispensável ao progresso: Sampaio Peixoto com o número um, Artur dias e Domingos Vicente nos postos imediatos; nas categorias de transição foi Manuel Coelho o melhor produto da temporada, com Vitor Manuel e Costa Pereira a acompanhá-lo no grupo das promessas. Entre os nomes já consagrados apenas Matos Fernandes e João Jacinto mantiveram a sua posição.

O progresso geral foi evidente; bateu-se o «record» nacional e o valor colectivo sabia também, como indicam os números: a média de pontuação finlandesa dos cinco melhores de 1945 é equivalente à dos três melhores de 1944.

Estamos ainda longe do óptimo que podemos alcançar, contando mesmo apenas com os valores actuais, porque em quasi todos os especialistas portugueses se

### ASSOCIAÇÃO NAVAL DE LISBOA abre a nova época

O remó lisboeta vai regressar em breve à actividade, com a abertura das «escolas» da velha Associação Naval.

A prestigiosa colectividade, para facilitar a admissão de novos sócios, resolveu estabelecer um período de isenção de jóia, que termina em 30 de Novembro.

nota insuficiência na quantidade ou qualidade do treino, as quais se traduzem em prova por falta de poder e ritmo na parte final do percurso.

Sampaio Peixoto não progrediu o que eu esperava, nada melhorou em estilo e as suas magníficas qualidades naturais continuam a prevalecer sobre os benefícios da preparação técnica. E' um corredor de classe invulgar, valendo sem dúvida menos de 50 segundos. Basta-lhe para isso adquirir pela preparação rigorosa a resistência bastante para manter até à meta a velocidade que emprega nos primeiros dazentos metros.

Artur Dias é um corredor de outro tipo, que melhorou extraordinariamente, mas não tem recursos físicos para competir com Peixoto. Em igualdade de forma, será sempre batido. Precisa de mais e boa ginástica durante o inverno, para aumentar de peso. Conseguiu este ano 51,7 s., 51,8 s., e 52 s., acusando evidente esgotamento para o final da época. Anda próximo do limite das suas possibilidades.

José Vicente dispõe, em meu parecer, de maiores recursos. Embora seja também corredor com preferências de transição para as distâncias superiores, com o óptimo de capacidade lida nos 800 metros, deve melhorar bastante os seus 52 s. de Setembro último. Dispõe de larga e bem encadenciada passada, é robusto e voluntarioso, mas tem as suas condições de treino prejudicadas pela prática pesada do futebol de competição.

Os seus tempos são melhores nos 800 metros: 2m. 0,6 s., 2m. 2,8 s. e 1 m. 59,4 s., este terceiro conseguido no encontro com os espanhóis e que o coloca logo a seguir ao detentor do «record» na tabela dos melhores nacionais.

Matos Fernandes é ainda o magnífico atleta que todos admiramos; o seu eclectismo não lhe consente nesta corrida o máximo aperfeiçoamento, mas não lhe é muito difícil figurar entre os melhores nas suas condições normais de forma.

João Jacinto é, de todos, aquele que está mais longe de haver dado a exacta medida das suas possibilidades; treino irregular, falta de ginástica intensiva que fosse corrigindo a sua pouca flexibilidade, vontade hesitante para se impor sacrificios. Basta-lhe querer; não sabemos se conseguirá querer.

O melhor estreante do ano foi o sportingista Manuel Coelho, que alcança nos 300 metros a marca de 38,2 s., correspondente a 54,4 s. nos 400 metros; devemos concordar que já não é nada mau para um corredor inexpiente. E' possante, com larga

passada e regular velocidade; tem futuro, se persistir.

Vitor Manuel e Costa Pereira pertencem à categoria dos aspirantes que transitaram de épocas anteriores e este ano comprovaram esperanças com resultados concretos. Ambos necessitam de trabalho atarado para percorrer o que lhes falta até ao primeiro plano, mas as provas já dadas são animadoras.

Nas fileiras dos concorrentes aos 800 metros destaca-se Francisco Bastos, detentor do «record» ibérico com 1 m. 57,5 s.

Impossibilitado durante a época de 1944 em consequência de lesão muscular sofrida em treinos, dias antes da inauguração do Estádio Nacional, Bastos reapareceu agora no auge da forma, melhorando alguns dos seus mínimos, sem contudo alcançar quanto com certeza pode.

Limitamo-nos hoje a apreciá-lo como corredor de 800 metros, distância que alguns técnicos consideram aquela que lhe é mais favorável. Damos-lhes razão, pelo menos de momento, porque consideramos este corredor susceptível de baixar apreciavelmente o seu mínimo actual, entrando na casa do minuto e cinquenta e três ou quatro, desde que aperfeiçoe a noção da cadência inicial (correr os primeiros quatrocentos para o tempo final e não apenas para os adversários na pista) e assegure fundo para manter o ritmo até à meta.

Pelo sistema em uso nas corridas de 800 metros — molde geral das provas de tipo velocidade prolongada — o andamento é tanto quanto possível uniforme, ao contrário do método empregado por Bastos, que vai em andamento moderado até aos quinhentos metros e embala fortemente nos trezentos finais.

Para exemplo do que acima afirmamos, vejamos os tempos intermediários das eliminatórias, meias-finais e final dos 800 metros olímpicos de Berlim (indicamos os tempos dos primeiros e dos segundos 400 metros): 56,4 e 57,3; 57,8 e 58,4; 55,7 e 58,6; 58,9 e 58,8; 56,1 e 59,9; 57,5 e 57,6; 52 e 1.0,7 (Woodmiff fugiu à partida e viveu no final do avanço conseguido); 56,4 e 56,7; 56,3 e 56,9; na final, 57,4 e 55,5 s.

Dos novos praticantes da distância merecem referência Domingos Canhão e Carlos Castelo Branco; são ambos dotados de excelentes qualidades e podem ser para o ano os imediatos de Bastos e Vicente. Não esqueçamos ainda as possibilidades de outros dois Bastos, Humberto e José, que já em 1944 tinham dado a prova de aptidões que, por circunstâncias especiais, em 1945 não conseguiram confirmar.



MATOS FERNANDES, o grande atleta do Benfica, que há dias bateu o «record» ibérico do Decatlo, passando facilmente uma barreira na corrida de 110 metros

# 5990 pontos

### Eis a nova marca de Matos Fernandes e novo «record» ibérico do Decatlo

O comportamento do excelente atleta benfiquista Matos Fernandes nas duas jornadas do Decatlo nacional, disputado na quarta e quinta-feira no Estádio do Lumiar, trouxe-nos o agradável prémio de ver batido por 595 pontos o «record» nacional, que já o era também ibérico, e a mais agradável certeza de possuímos um campeão susceptível de nos representar com garantia de honrosa classificação nos anunciados Campeonatos da Europa de 1946.

Tomando desde o início da próxima temporada esse objectivo como directriz para a sua preparação, abstraindo dos interesses de especialização para cuidar do seu aperfeiçoamento técnico nas provas onde menos vale, não duvido ele teria um lugar assegurado entre os dez melhores homens da Europa.

Matos Fernandes alcança estes resultados com a sua magnífica forma física; mas nota-se o seu constrangimento nalgumas especialidades, notadamente o dardo e a vara, proveniente da falta de prática nos seus trabalhos de treino.

Os 5.990 pontos que somo foram assim distribuídos: 100 m. em 11,3 s., 760 p.; salto em comprimento de 6,60 m., 700 pontos; lançamento do peso a 10,09 m., 454 p.; salto em altura de 1,80 m., 786 p.; 400 m. em 52,6 s., 735 p.; 110 m. barreiras em 16,6 s., 698 p.; lançamento do disco a 35,75 m., 590 p.; salto à vara de 2,57 m., 355 p.; lançamento do dardo a 35,91 m., 349 p.; 1.500 m. em 4 m. 37,4 s., 563 pontos.

(Continua na página 7)



Não será demais repetir que a revista «Stadium», sempre interessada no desenvolvimento desportivo dos Clubes da provincia, se encontra incondicionalmente à sua disposição. Aceitaremos, para publicar, já se sabe, fotografias das suas equipas e atletas. Unico propósito: — entusiasmar uns e outros. Servir, sem restrições — o desporto nacional.

# Stadium na PROVINCIA

## A actividade do concelho de GOUVEIA

O desporto, especialmente o futebol, ganha adeptos nesta vila. Ainda há pouco nos visitaram as equipas do Sport Lisboa e Guarda e do Grupo Desportivo de Mangualde, que tiveram como adversários os grupos do Clube de Futebol «Os Gouveenses» e do Sporting Clube de Gouveia. Resultados: 5-0 o favor do primeiro e 8-2 para o segundo. Por aqui se vê que o futebol, em Gouveia, possui algum valor.

Precisam os clubes locais, entretanto, que a Câmara Municipal auxilie as suas iniciativas. Existe, em Gouveia, um campo de jogos — mas falta concluí-lo. O dr. José Correia de Oliveira, ilustre presidente da Câmara Municipal, não esquecerá por certo esta aspiração dos gouveenses.

Inexplicavelmente e apesar de todos os esforços dos desportistas desta vila, não foi ainda fundada a Associação de Futebol. Porquê? — Não se sabe. Mas aguardamos que tudo se resolva dentro de pouco tempo. Gouveia bem o merece.

A equipa do Clube de Futebol «Os Gouveenses», no seu último jogo, apresentou: Cavacas, Ferreira, Lameiras, Prata, Manta, Cosme, Adelino, Fortuna, Penicheiro, Oliveira e Uriel. Tal como alinha na gravura que «Stadium» publica hoje.



Nesta página apresenta Stadium os seguintes grupos e desportistas: 1) — João Basso Ramos, do Sporting Clube de Tomar; 2) — Manuel Calado, do S. L. e Arronches; 3) — Francisco Ramalhete, do C. F. «Os Maceirenas»; 4) — a equipa de honra do Sporting de Tomar; 5) — O 1.º «team» do C. F. «Os Gouveenses»; 6) — José Cuco, de «Os Maceirenas»; 7) — Francisco Redondo, do S. L. e Arronches; 8) — Manuel Lopes, do S. C. de Tomar; 9) — António Pinho, do Varzim S. C.; 10) — 1.º grupo do Atlético do Sado; 11) — 2.º «team» do Sporting de Luanda; 12) — António Fernandes, do S. C. Tomar; 13) — Manuel Pinho, do União Oliveirense, de Oliveira de Azeméis.

# As revelações de PEYROTEO

## Um jogador de alto a baixo

que diz coisas sinceras e interessantes,  
— mesmo quando não quiere falar!

por FERNANDO SÁ

**P** EYROTEO é um dos nossos mais populares jogadores da bola, sucedendo por direito próprio a tantos ídolos que têm ilustrado o futebol nacional. Bom rapaz — fisicamente um rapagão — o avançado centro leonino e da Seleção Nacional mantém o valor que logo se lhe reconheceu quando, vindo de Africa, deu o primeiro pontapé numa bola sportinguista. Natural, portanto, que o público do desporto acompanhe mais de perto a vida deste jogador, interessando-se vivamente por todos os aspectos que o pren-

dem ao nosso futebol. Foi o que aconteceu um pouco antes de começar a nova época. Para o ar foram uma quantas coisas a seu respeito, a mais insistente das quais era a da exigência de dinheiros, da sua parte, à direcção do clube. De facto alguma coisa havia mas uma surpresa nos esperava. Fernando Peyroteo tinha ido para Espanha!

Qualquer outra pessoa ficaria admirada com a informação. Vimo-lo logo envergando camisola madrilenha e ouvindo um «olé» sonoro ao rematar uma bola em terreno de Madrid. Seria a confirmação dos boatos que o haviam envolvido em tempos?

Não tínhamos ainda saído da natural estupefacção quando um telefonema nos avisou de que Peyroteo tinha chegado, a Lisboa num dos avlões espanhóis da carreira. Era certo. No outro dia lá estava no Lumiar, no treino, dirigido pelo dr. Abrantes Mendes. Não perdemos a ocasião. Depois do «galope» vemos desde o Campo Grande, Avenidas fora, em amena palestra.

— Que significa essa fuga para terras de Espanha? — desfechámos imediatamente.

— Nada — replicou o grande jogador. Uma viagem particular para tratar de assuntos da minha vida comercial.

— E' então certo que se vai estabelecer?

— Certíssimo. Dentro de pouco tempo devo abrir o meu estabelecimento de artigos de desporto, numa das ruas da Baixa.

Era o fio da meada. Não o largámos.

— Visto isso, o Sporting sempre chegou a



Peyroteo — na sua vistosa farda de «internacional»

acôrdo, accedendo a dar ou a emprestar o capital necessário como base inicial da sua nova vida?

Peyroteo não respondeu logo. Ficou a ponderar os prós e os contras da resposta. E depois, em tom de amargura:

— De facto, fiz um pedido de dinheiro ao Sporting, importância que considerava indispensável para dar os primeiros passos da minha nova vida profissional. O caso, é certo, não foi resolvido logo e...

Peyroteo calou-se. Nós insistimos.

— Acabou por ceder?

— O caso, que serviu para várias interpretações, merece que se esclareça oportunamente. Eu próprio o escreverei e asst-

(Continua na página seguinte)



Eis o «leão» do Sporting!



Uma fase que revela o estilo do grande avançado-centro



Depois de um dia de trabalho, modestamente, Peyroteo recolhe ao seu lar. Tem ainda de fazer ginástica... A simnástica da vida!

# As revelações de Peyroteo

(Continuação da página anterior)

nar, relatando como as coisas se passaram.

—Dizia-se que se o Sporting não accedesse ao que solicitou, V. deixaria de jogar...

—Não é certo. Não usei de tanto rigor nesse pedido. Ou de quaisquer exigências.

O avançado-centro sportinguista aproveitava a oportunidade para nos dizer:

—Nessa altura, no momento do castigo, pensei em abandonar o futebol. O desagrado da questão, o desfecho a que fui obrigado, tão contrário aos meus princípios de desportista, quasi provocaram a desmoralização. Depois de tantas ofensas, de uma perseguição enervante e vexatória e sem ver uma interferência disciplinar, que, aliás, tinha pedido, para o jogador em questão, nada mais tinha a fazer. Aquela agressão foi a última que pude suportar. O desfôrço do homem lêz esquecer a camisola que envergava e o local em que estava.

E Peyroteo mostra-nos factos. As suas canelas martirizadas.

—Tôdas as segundas-feiras tenho de ir ao médico carar-me das brutalidades de que sou alvo, ordinariamente, ao domingo.

Chegaram a atribuir-me umas tantas suspensões, com datas e tudo. Para mentira.

—O «caso» Gaspar Pinto-Peyroteo ficou solucionado?

—Ficou! Como via, com o meu castigo...

É Peyroteo quem mada o ramo de conversa.

—Quería fazer-me mais alguma pergunta?

—Que pensa do Sporting esta época?

—O grupo não encontra ainda a ligação necessária, coisa natural num principio de época.

—Quanto aos outros «teams»...

—Sem dúvida, o Belenenses vai ser o grande da época. Tudo o indica, pelo menos. O Benfica está mais fraco do que em épocas do passado.

—Sente-se bem no meio dos leões?

—Claro. E já não tenho idade para outros pensamentos. Sou dos firmes.

—Ainda espera jogar muito tempo?

—Sei lá... É um caso que nem sempre depende de nós. Quantas vezes pensamos abandonar e reconsideramos em seguida, por vermos a falta que poderíamos fazer no grupo.

—Já pensou nos jogos internacionais desta época?

—Já pensei, evidentemente. O que não sei é se o Seleccionador já pensou em mim...

Percorremos, sem dar por isso, a distância que vai do Campo Grande ao Arco do Cego. O almoço esperava Peyroteo, a quem o treino de três horas e aquela caminhada tinham certamente aberto o apetite. Que falamos por nós... —F. S.

Assinem a STADIUM

# No Mundo da

# BOLA

pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

## CONTA-GOTAS

O boletim de «Os Belenenses» é uma publicação de fundo clubista muito interessante. Sendo de um clube—mantém o respeito pelos outros. Entre várias notícias, informações e comentários, neste último número traz o nome dos belenenses que em futebol honraram as cores de Portugal em diversos encontros internacionais:

Alberto Rio, Alberto Ramos, António Feliciano, Artur Quaresma, Augusto Silva, Carlos Rodrigues, César de Matos, Fernando António, Francisco Silva Marques, João Pedro Belo, José Luis, José Manuel Soares, José Reis, José Simões, Mariano Amaro, Rafael Correia, Serafim das Neves, Severo Tiago.

Bons nomes, sem dúvida!

O Belenenses parece navegar de vento em pópa no Campeonato de Lisboa. Desejamos sinceramente que não perca o rumo, como de outras vezes.

Está a ser vivamente comentada em vários sectores da vida sportinguista a actuação da Secção de Futebol do Sporting. Há que haver um mínimo de transigência com a opinião da massa clubista...

## ANEDOTA

Tudo a olhar...

Conta-se que Carlos Canuto estava a arbitrar um desafio e que, em certa altura, dois jogadores entraram em conflito.

Canuto queria resolver o caso à boa paz. Mas os jogadores continuaram a discutir, verdadeiramente irritados, ameaçando-se disto e daquilo, e os seus gestos exprimiam bem as ameaças.

Canuto não perdia a serenidade: —Então que é isso! VV. não vêem que estão a comprometer-me? Está tudo a olhar para nós...

## CORRE QUE...

As lesões dos jogadores vão-se reparando a pouco e pouco.

Francisco Ferreira já reapareceu, e o seu companheiro Joaquim Teixeira também não demorará muito tempo a envergarem a camisola vermelha.

Consta que o Sporting conseguiu um novo jogador, elemento de grande futuro. Cordeiro, assim se chama o rapaz, do Operário Vilafranquense, quer vestir a camisola verde-branca, apesar da tentação de outras propostas...

## O alargamento é uma realidade

Já nada pode deter a moderna orientação

TEMOS várias cartas em nosso poder perguntando se a iniciativa do alargamento da Primeira Divisão do Campeonato Nacional sempre se realiza.

Alé agora — nada há em contrário. Entendemos que o futebol português tem presentemente capacidade para doze concorrentes.

Uma das acusações que se fazem diz respeito à escolha dos novos representantes. Não se descobre o fio da crítica. Parece-nos perfeitamente lógico que, alargando-se a Divisão, se melam na prova clubes de duas Associações que ainda não estejam representadas. Como se encontram mais Associações nessas condições, é evidente que aqueles que não foram escolhidas estão feridas. Já lêmos, por exemplo, num jornal do Alentejo, não haver o direito, segundo o comentarista, de favorecer uma das Associações que estão naquela Província em prejuizo das outras (que prejuizo?), organizando-se para o efeito um torneio entre os campeões distritais.

Mas tôda esta agitação à volta do assunto prova o êxito conseguido pela maior das competições portuguesas. O facto repercute-se

de tal modo, que os campeonatos distritais, dos quais alguns passavam despercebidos, estão animados, dando a sensação de haver nêles uma vida nova. Qualquer coisa que lhes dê sangue e músculo.

A disposição que estabelece o acesso no Campeonato nacional parece-nos moral e lógica. Oultrora, o campeão da Segunda Divisão limitava-se a ser um título, sem nada resultar dessa conquista. A Segunda Divisão era um beco sem saída. Os concorrentes já sabiam que, no fim da caminhada, encontravam um fôso intransponível resguardando zelosamente a Primeira Divisão. Isto dava à competição um aspecto desolado e triste. Foi pena, mesmo, que não se tenha ido um pouco mais além, neste aspecto. Se está certa a ascensão automática do campeão da Segunda e a descida do último da Primeira, também não estaria mal que o sub-campeão da Segunda Divisão dispulasse ao penúltimo da Primeira Divisão o direito de permanência na Divisão mais importante. Enfim, Roma e Pavia não se fizeram num dia. E julgamos que já nada pode deter a moderna orientação. Trela-se de uma expressão de progresso.

## O «TEAM» DA R. A. F. EM LISBOA

A deslocação do team de futebol da R. A. F. a Lisboa parece absolutamente assegurada. Não se trata de um grupo banal, sem qualquer interesse no ponto de vista técnico. Basta dizer que, do seu conjunto, fazem parte famosos jogadores dos clubes ingleses. De resto, o team já

alinhou na Europa, depois da guerra, mostrando técnica de conjunto e valores individuais. Não devemos esquecer que os ingleses, os verdadeiros mestres do futebol, atingiram a perfeição no jôgo. E possível, mesmo certo, que a guerra tenha aberto profundas brechas nas fileiras do futebol britânico. Todavia, a recomposição deve dar-se rapidamente, tendo em vista tôda uma máquina de organização já montada e não destruída.

Indica-se como data do desafio entre a R. A. F. e provavelmente um team militar português o próximo dia 1 de Dezembro.

Tem carácter beneficente, pois o seu produto destina-se a auxiliar um fundo da R. A. F. para efeitos de assistência, a Cruz Vermelha Portuguesa e a Colónia Balnear Infantil do «Século».

Além de tudo, trata-se de um encontro que pode servir excelentemente o grupo português de futebol. Aguardemos a vinda do team da R. A. F. a Lisboa — certos do êxito da organização.

Stadium

# OS CAMPEONATOS REGIONAIS DE FUTEBOL

O Boavista a caminho do título? — O Olhanense já é campeão algarvio de 1945-46 — Em Fafe, não conseguiu vencer o Sporting de Braga — Vitórias expressivas do União e da Académica de Coimbra

POIS o Boavista empatou com o F. C. do Porto, por 2-2. Isto quer dizer que o clube do Bessa deu um grande passo para o título regional, embora se possa julgar também que o F. C. do Porto deverá estar presente no grande torneio da Federação.

A equipa do Bessa não baixou bandeira com os antigos campeões. Na primeira como na segunda volta. Deveremos aguardar o seu bom comportamento futuro. A menos que o F. C. do Porto esteja a jogar muito pouco...

Além do resultado deste Porto-Boavista—também surpreendem as derrotas do Salgueiros perante o Ramaldense, e do Leixões na frente do Leça—3-1 e 1-0, respectivamente.

O campeonato do Porto, assim, despertará outro entusiasmo. Que bem merecia. E é oportuno lembrar que não se justificava a exclusão de um grupo português. No Porto, nam campeonato bem aproveitado, sempre se conseguem dois grupos bons...

— Em Coimbra, União e Académica continuam distanciados pelos dois pontos da primeira volta. Domingo—devem esclarecer-se as coisas.

Na última jornada verificaram-se dois resultados volumosos:—19-1 no União-Lasitânia, e 10-1 no Académica-Naval. Até nisto os dois melhores «teams» da cidade universitária pretendem rivalizar... A equipa do Anadia ganhou ao Sport no seu próprio campo. Também não deixa de constituir surpresa, este resultado.

— O Olhanense ganhou já o campeonato da A. F. de Faro. Venceu agora o S. C. Farense por 5-0, e pode bem dizer-se que não experimentou sérias dificuldades durante o torneio regional. Venceu como quis.

— Surpresa grande em Braga: —a derrota do Sporting, em Fafe, contra o outro Sporting, por 3-2. O F. C. Famalicão venceu bem o S. C. Vianense, por 7-2, e o Gil Vicente, na sua Barcelos, quase preencha um sasto aos vimaranenses. Estes ganharam apenas por 2-1.

— Aveiro continua a constituir uma incógnita. Domingo a domingo—surgem alterações. No domingo, a A. D. Ovarense conseguiu vencer a Sanjoanense, e o União de Lamas impôs um empate ao Sporting de Espinho, um dos fortes. Vê-se que os clubes do distrito estão interessadíssimos na prova.

— Em Setúbal, tem mandado o Vitória. Quasi tão nitidamente como o Olhanense em Faro. Os

campeões tiveram no domingo algumas dificuldades, na Amora, mas triunfaram por 3-1. O Barrense, sempre simpático na sua carreira, não ganhou em Montijo com o sorriso nos lábios—mas 2-0 é bom resultado. As vitórias do Luso sobre o Ginásio do Sul, por 4-0, e do «Café» do Barreiro sobre o Seixal, podem considerar-se certas.

— Nos outros centros, — tudo mais ou menos certo. O Académico de Viseu obteve margem folgada em Tondela. O Sport de Vila Real, ganhando por 7-0 ao Flávia, deu provas da sua boa forma. Em Portalegre, o Campomaiorense ganhou ao S. C. Elvense por 3-2—o que é bom resultado para os vencedores. A vitória do S. L. e Castelo Branco sobre o Ceboleiro, por 9-0, merece referência.

Eis, grosso modo, o que se nos oferece dizer sobre as últimas jornadas dos campeonatos regionais de futebol.

## DECATLO

(Continuação da página 3)

Matos Fernandes melhorou todas as suas marcas de 1944 com excepção do dardo; faliu por isso os 6.000 pontos que ambicionava e merecia. Bastava-lhe, para os conseguir, ter atirado o dardo sessenta centímetros mais longe.

Para dar aos nossos leitores uma ideia geral do valor internacional da prova de Matos Fernandes, fomos confrontá-la com os resultados dos concorrentes do Decatlo olimpico de Berlim, onde o famoso Glea Morris fixou em 7.900 pontos o máximo mundial.

O campeão português ter-se-ia classificado em 16.º lugar, mas com a seguinte e elucidativa distribuição de classificações pelas dez provas do concurso: 3.º nos 100 metros, onde só os dois primeiros classificados conseguiram melhor (Morris 11 s. e Clark 10,9 s.) 11.º no salto em comprimento; 17.º no lançamento do peso; 5.º no salto em altura e 7.º nos 400 m.; 14.º nas barreiras, 15.º no disco, 18.º na vara e no dardo (lançamento onde todos os participantes menos dois excederam os 50 metros); 6.º nos 1.500 metros.

Por aqui se verifica que o nosso atleta completo fraqueja consideravelmente no salto à vara e nos lançamentos, seguindo aliás assim o ritmo geral do nosso atletismo especializado.

A organização do Decatlo não

TAVARES DA SILVA assumiu a chefia da redacção de «Stadium», de que era antigo colaborador, tendo a seu cargo especialmente a secção de futebol. Tem a plena confiança da Direcção da Revista, de modo a exercer cabal e perfeitamente a sua missão.

Sendo certo que as pessoas dão às suas obras a marca inconfundível de sua personalidade, é quasi certo que Tavares da Silva, jornalista vigoroso e técnico autorizado, não deixará de transmitir à «Stadium» as qualidades que caracterizam o seu temperamento de jornalista, numa renovação de beleza, alegria e bom gosto.

Na redacção da «Stadium», podemos assinalar com orgulho, estão algumas das penas mais brilhantes do jornalismo de especialidade. Todos, do mais categorizado ao mais modesto, trabalham devotadamente nesta Casa e com o indispensável espírito de equipa. «Stadium», sob o impulso de Tavares da Silva, prosseguirá a sua vida triunfante.

## SEGUNDA DIVISÃO

# O Fósforos passou para o primeiro lugar

O campeonato da II Divisão da A. F. L. está quasi em meio. No último domingo disputaram-se os encontros da sexta jornada, que foi a última da primeira volta da competição.

Começa, finalmente, a poder formar-se um juízo mais certo das possibilidades dos encontros e a verificar-se que as primeiras impressões não se confirmam. Assim, como notas a fixar nesta sexta jornada do torneio, temos que o Marvilense e o Olivais, em sentidos opostos, nos obrigam a modificar o que sobre eles pensávamos.

Cre-se, agora, que os marvilenses tiveram um começo de prova

algo afortunado, pois cabendo-lhes de frontar adversários mais fáceis, venceram uma superioridade que, de facto, não existe! Depois de três vitórias, aliás justas, vieram dois empates e uma derrota. Ao invés, o Olivais parece ter principiado o campeonato com pouca sorte. A melhoria da equipa não oferece dúvidas. Doze «goals» em dois desafios querem dizer alguma coisa...

Depois dos encontros de domingo, as posições dos concorrentes — sensivelmente alteradas — dizem melhor das suas possibilidades. Eis a ordem: 1.º Fósforos, 16 pontos; 2.º Chelas, 15; 3.º Marvilense, 14; 4.º Sacavenense, Olivais e Futebol Benfica, 11; 7.º Operário, 10; 8.º Casa Pia, 8.

satisfez; em cada uma das jornadas a competição principia com mais de uma hora de atraso por ausência dos membros do júri indispensáveis e existia no campo, por junto, uma única bala para a pistola do juiz de partidas. A pendria, reduzida ao máximo na segunda jornada, deu origem a uma decisão pitoresca e inédita: as largadas foram dadas com uma espingarda caçadeira!

Também não deve ter agradado ao público, que na quarta-feira accorreu muito numeroso, a presença de dois concorrentes apenas, quando a Federação anunciou meia dúzia deles, que nunca enviaram sequer a sua inscrição.

Consta que Matos Fernandes, aproveitando a sua boa forma, atacará esta semana o «record» do pentatlo recentemente estabelecido no Porto por Edgard Tamegão.

Ano III — II Série — N.º 152  
Lisboa, 31 de Outubro de 1945

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:  
Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da  
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração

T. Cidadão João Gonçalves, 19, 5.º

Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de  
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA



O trio defensivo do Belenenses esteve em foco na Tapadinha. Notou-se o entendimento entre os três do bloco da defesa. Capela defende, e Vasco aguarda o desenvolvimento dos acontecimentos



Peyroteo, o homem mais esforçado e batalhador do onze sportinguista, persegue sempre a bola. Neste lance, Armando Ferreira acompanha-o. Vilongo e os defesas estão atentos. O perigo passa



Armindo remata de cabeça. A jogada tem beleza. Pelo sim pelo não, o defesa Vasco está preparado para intervir, em recurso

## O FIM DA PRIMEIRA VOLTA DO CAMPEONATO DE LISBOA

Acabou a Primeira Volta do Campeonato de futebol de Lisboa! Não podia ter um fim mais curioso, nem mais sensacional. À excepção do lógico resultado da Tapadinha, a 5.ª jornada concedeu-nos o favor de surpresas. Também nos deu emoção. Coisas com que não se contava: a vitória do Estoril Praia sô-

bre o Sporting por 5-0, e o empate da C. U. F. contra o Benfica 2-2. E' assim o jôgo da bola.

O principal problema a solucionar, visto tudo levar a crer que a questão do título se decida a favor do Belenense, é o do apuramento dos quatro concorrentes lisboetas ao Campeonato Nacional. O caso

não está decidido, porque o Estoril Praia, em 5.º lugar, pode ainda dar um empurrão fatal no Benfica ou no Sporting. O Atlético parece ter assegurado o direito de ingresso.

Números da tabela:

Belenenses 13 pontos; Atlético 11; Sporting e Benfica 10; Estoril 9; e C. U. F. 7 pontos.



Capela, o belenenses das redes, prepara-se mais uma vez para defender por alto. São as suas melhores defesas



Eis o médio-centro Moreira numa das suas intervenções. Tanganho não consegue chegar a tempo...



...E a bola entrou nas rêdes. Estava feito o primeiro goal do Atlético. Capela nada pôde fazer



# As corridas de cavalos do Outono

A 1.ª jornada da «Reunião de Outono», a qual nos referimos sacientemente no nosso último número, decorreu, apesar da chuva que caía com insistência, com menos público a presenciá-la, mas com o habitual interesse.

Quer o espectáculo desportivo propriamente dito, quer a organização, sempre cuidada, e a cargo da S. H. P., merecem inteiro aplauso. Se não fosse a chuva, poderia afirmar-se que as competições tinham decorrido com brilhantismo, embora os prognósticos tivessem falhado para a maioria das pessoas, factor que animou a aposta máta e fez elevar bastante as percentagens.

Na primeira corrida—1.500 metros—por exemplo «Dize-ta», com H. Calado, era o favorito. No entanto, «Danquerque», com Joviano Ramos, tomou o comando da prova desde a largada, cedendo terreno depois de percorridos os primeiros 750 m., a ponto de perder a vantagem e de se deixar alcançar. Todavia, o «Dize-ta» afrouxou na subida e não conseguia bater o «Danquerque», que entrou na meta com mais de um comprimento. Foi uma bonita e inesperada vitória.

A segunda corrida—1.600 m. para cavalos nacionais, exclaindo o sangue inglês—forneceu o segundo resultado imprevisito. Até meio da prova, «Dique» (J. Desidério) e «Hassar» (J. Amaro) mantiveram-se à frente em bom andamento, mas «Diabo» (J. Vicente) foi progredindo e acabou por ganhar depois de luta brilhante. Magnífica a corrida de «Esquecido» (J. Filipe), que, depois de uma má partida, recuperou o tempo perdido e alcançou o 3.º posto, a 1/2 comprimento do 2.º classificado, enquanto que o «Hassar», abaixo das suas possibilidades, descia para último.

A corrida «Diário de Notícias», 1.800 m. para montadas de todas as procedências, proporcionou ao «Lord» (Rangel Almeida) um valeroso triunfo, após uma prova em que dominou desde o início os seus adversários. Pode dizer-se que não foi ameaçado, nem pelo 2.º classificado, que não conseguia aproximar-se do conhecido Irlandês.

Havia extraordinário interesse pela quarta corrida do programa, de 1.800 m., na qual se apresentavam animais das coudelarias Santos Jorge e Macedo Basto.

Foram os dois cavalos deste último que rapidamente tomaram o comando, num magnifico esforço inicial, que, no entanto, foi diminuindo pouco a pouco. O «Absténico» (M. Correia), que saía em último, não foi além do 3.º posto. Para a posse do 1.º e

2.º lugares lançaram-se com vontade «Iris» (Adelino) e «Ninotchka» (Pataco), que se mantiveram por esta ordem até cerca de 200 m. da meta. Verificou-se então que «Iris» retardou a chegada para que «Ninotchka» ganhasse a prova, numa atitude pouco desportiva do seu «jockey». Foi pena, porque os dois animais foram brilhantes.

Finalmente, na corrida de 2.000 m., que encerrou o programa, o «Batedor» (H. Calado) entrou na meta bastante destacado de «Marléne» (J. Ramos) e de «Ídolo» (A. Silva), que só agüentaram o andamento do vencedor nos primeiros 1.000 metros.

Na parte relativa à organização, é de destacar o facto dos dirigentes da S. H. P. terem autorizado, devido à chuva, o público do peão a transitar para a tribuna. Atitude louável nos tempos que vão correndo...

## 2ª Jornada

Como, devido à chuva, não se realizou no passado domingo a 2.ª jornada do programa, as cinco corridas restantes devem realizar-se possivelmente no sábado.

Há extraordinário interesse em ver, de novo, alguns dos cavalos que no primeiro dia de provas alcançaram determinado êxito, e de todas as corridas a que mais emocionará o público será certamente a de 3.000 metros, destinada a montadas de todas as origens e procedências, na qual tomarão parte animais que gozam já de muito boa fama. Corrida de ludo, servirá para determinar as possibilidades de alguns dos cavalos favoritos e para entusiasmar o público, que os vai ver passar três vezes em frente das tribunas.

É difícil prever o vencedor, tal a igualdade dos valores inscritos, mas poderá profetizar-se uma luta sem tréguas entre os nossos melhores cavalos de corrida.

A «Reunião de Outono» terminará este ano com um Concurso Hípico, facto com o qual nos congratulamos e que exprime bem o interesse que a Sociedade Hípica consagra a um desporto que alcançou lugar de relevo no conceito do público, não só atendendo ao que vale como espectáculo desportivo, como, também, pelas tradições conquistadas pela cavalaria nacional.

ANTAS TEIXEIRA

assinem a STADIUM



À ESQUERDA — O pelotão de ciclistas, na última «Prova Iniciação Flechas», a caminho de Sobral de Montenegro. AO CENTRO—O vencedor absoluto, Augusto Correia, do Benfica. À DIREITA — Sempre pedalando. Na saída da Venda do Pinheiro, a caminho de Lisboa. Não há fugas, por enquanto

CICLISMO

## IDÉIAS SUGERIDAS PELA PROVA INICIAÇÃO FLECHA

NÃO oferece dúvidas. A 2.ª Prova de Iniciação Flecha», que «Stadium» organiza, obteve o mais lisonjeiro dos êxitos. «Record» do percurso batido por larga margem, médias horárias que fazem inveja aos amadores e até a certos «ases» e um número de concorrentes que ficou sendo o mais elevado desta temporada em provas de iniciados.

Há necessidade de evitar que se crie ambiente favorável a aceitação das «lamúrias» dos novos, que pretendem justificar os seus desaires apregoando avarias, quedas, falta de apoio moral e outras razões pouco convincentes. O corredor que principia deve habituar-se a discernir se ganhou por mérito próprio ou casualmente, e ainda se perdea por motivo de lutar com adversários superiores ou, de facto, por falta de sorte.

É certo que o estímulo que advém de um triunfo torna-se elemento imprescindível para o progresso do atleta. Mas esse estímulo—factor que deriva da própria satisfação de se haver ganho,—deve expandir-se no sentido de se continuar a honrar a camisola que se envergava e nunca com o propósito de se mostrar superior a todos os adversários.

Mas nesta «2.ª Prova Flecha» podem apontar-se notas de verdadeiro espírito desportivo e de acentuado amor clubista.

A atitude dos rapazes do Benfica, que, «sentindo» a vitória do seu clube, deram largas à sua satisfação, abraçando-se como vidos; a cedência, por parte de Joaquim Pereira, disciplinado elemento do Arroios, de um tabo a adversário que o antecedia na tabela da classificação; a vontade firme demonstrada por Alberto Coelho, Antero Castro e António Gilberto de bem representarem as suas terras e regiões, e até o interesse manifestado pelos dirigentes dos clubes com

corredores na prova—apoiando-os e incitando-os a integrar-se na mecânica da competição.

Mas semelhantes facetas agradáveis verificadas durante os dois dias de corrida não desaparecem a idéia de que é necessário educar a gente nova no verdadeiro espírito desportivo, como também não impede de que consideremos necessidade inadiável a criação de núcleos de divulgação da técnica.

Atleticamente, a prova deste ano foi, de facto, mais valiosa, mas esta circunstância deve ser atribuída a ter-se reunido um grupo de corredores de valor aproximado e nunca a acentuado aperfeiçoamento técnico dos mesmos.

Se bem que apareceram rapazes bem montados e a pedalar quasi com perfeição—citemos, por exemplo, Carlos Miguel, Fernando Pinto, José Teixeira e Antero Costa—outros havia que ou andavam «dependurados» na máquina, tal não era a altura exagerada em que fixavam o selim, ou então pedalavam em posições defeituosíssimas.

Nenhum corredor pode dar bom rendimento sem estar tecnicamente bem montado, isto é, sem utilizar posição racional sobre a bicicleta. Por isso, Carlos Paulo, a pedalar sobre os braços e muito avançado; Victorino Silva, em máquina excessivamente grande; João Catarino, com posição alta e «rolando» com os bicos dos pés metidos para dentro, numa contracção de músculos constante, e outros que, para executar totalmente o curso do pedal, tinham de fazer a extensão forçada das pernas, porque o selim estava muito alto,—todos esses rapazes terão dificuldade em mostrar quanto valem.

É preciso ensinar, pois. Só assim poderão progredir.

GIL MOREIRA

Stadium

## O ACONTECIMENTO DA SEMANA

Mais que qualquer outro facto, pela projecção que pode vir a ter no progresso da aeronáutica o sistema de propulsão por jacto, consideramos a tentativa de «record» de velocidade, efectuada em Inglaterra, como de grande importância.

Dias antes da guerra (1939) os técnicos mundiais discutiam entre si as tendências da construção aeronáutica, condicionando-a sempre à obtenção de velocidades cada vez maiores. Os três objectivos mais importantes eram, nessa época, os seguintes: potências moloras elevadas (multiplicando o número de cilindros), afinação aerodinâmica profunda (reduzindo as superfícies frontais e empregando radiadores de túnel) e o uso de compressores para vôos nas altitudes estratosféricas.

Os especialistas aeronáuticos, nomeadamente M. Wimperis, da Royal Aeronautical Society, e W. Messerschmidt atribuíam aos aparelhos impulsionados ou propulsão por hélices um limite de velocidade à volta de mil quilómetros por hora. Acima dessa velocidade máxima só aparelhos de foguete de reacção e de propulsores-trompas, caso se construíssem, poderiam navegar pelo espaço.

É precisamente o que nos surge de Inglaterra e de tal modo, que as concepções mais extravagantes de Júlio Verne parecerão ingénuas e ridículas.

Resta saber se o organismo humano, criado pela Natureza para viver em determinado meio, poderá ou conseguirá adaptar-se a tais distúrbios mecânicos, ou, ainda, se por métodos artificiais lhe é possível acompanhar, lado a lado, os produtos da própria imaginação. — R. B.

## AVIAÇÃO

### Um novo «record» de velocidade?

Cerca de Gloucester, em Moreton, um aparelho especial accionado por jactos de vapor atingiu a velocidade extraordinária de 960 quilómetros à hora.

Se bem que não haja ainda notícias concretas sobre o caso, de modo que se conclua ter caído o «record» mundial estabelecido, em 26 de Abril de 1939, pelo piloto alemão Fritz Wendel — 755,148 km. — a bordo de um Messerschmidt, o certo é que tal queda parece estar à mercê dos pilotos ingleses.

O capitão-chefe do grupo, Wilson, espera apropriar-se do «record» na próxima semana e Eric Greenwood, piloto experimental da Gloster Aircraft Company, segue-lhe os passos.

Coube a Filipe Standbrevy, piloto de guerra com 24 anos de idade, dirigindo o avião Gloster Meteor, motor Rolls-Royce, ser o autor da prodigiosa façanha mencionada.

Já não falta tudo para se atingir a velocidade do som: 1.225 km. à hora, criando novos e temíveis problemas militares futuros, embora resolvendo outros de considerável valor presente, no domínio da segurança e rapidez aeronáuticas.

Stadium

# A vida desportiva por êsse Mundo fora

## BOXE

### Ainda o combate Guedes-Arceniega

Dizem de Madrid que os empresários do Frontão Recoletos pretendiam organizar para 25 do corrente a desforra do combate (?) travado entre Agostinho Guedes e Fidel Arceniega, no Campo Pequeno.

A insistência que os jornais do país vizinho têm mostrado ao informar o público espanhol do próximo choque, confirma tudo quanto se disse na imprensa portuguesa. Em poucas palavras: que o notável boxista Arceniega (com mira no lucro financeiro da desforra...) perdeu em Lisboa propostamente!

### Inácio Ara contra García Alvarez...

Inácio Ara, que veio há anos a Lisboa fingir que empatava com António Rodrigues, combateu a 21 com García Alvarez, para disputa do título dos médios. Alvarez, também conhecido do público lisboeta,

## XADREZ

### Francisco Lupi em Espanha

O conhecido xadrezista português Francisco Lupi encontra-se actualmente em Espanha, onde deve jogar algumas partidas do famoso desporto intelectual. Espera-se que sejam seus adversários, em Madrid, Fuentes, Sanz e, depois, Rey Ardid, o melhor campeão espanhol, em Saragoça.

O brilhante comportamento de Lupi nos torneios a que concorreu há tempo, no país vizinho, justificam o interesse dos espanhóis em vê-lo actuar de novo no tabuleiro.

## Bola oval

### Em Espanha

Principiou a época oficial do rugby castelhano, que parece anunciar-se brilhante. Os principais «quizes» em actividade são os agrupamentos universitários, destacando-se Medicina, Direito, Arquitectura, Engenheiros (I. C. A. I.), etc.

Estes últimos derrotaram há pouco os primeiros por 13 pontos a 0.

### Em Inglaterra

Antes de regressar a Austrália o grupo seleccionado da Royal Australian Air Force (R. A. A. F.) jogara contra Teddington e o London Scottish.

Cambridge jogou em casa, no sábado, abrindo a época. Foi seu adversário o Harlequins.

é hoje campeão dos meio-médios e pretende o lugar supremo da categoria superior.

Na data em que escrevemos ainda se desconhece o resultado, mas, cremos, Ara conservou o título que detém.

### ... e Arceniega contra Paco Bueno

Para o campeonato de Espanha de todas as categorias, troféu que Paolino Uzcudun outrora possuiu, combaterão no dia 1 ou 2 de Novembro, em Madrid, Paco Bueno e Arceniega. Seria o cúmulo do ridículo se Arceniega, conhecido batoteiro, conseguisse ganhar por knockout este encontro.

Campeão de Espanha, de gran peso, um vigarista!!! Safa!

### O campeonato dos «leves» em Espanha

A Federação Espanhola de Boxe escolheu o pugilista Pascoal Garcia para representante oficial ao título dos «leves», abandonado por Beltran Cambu. Passado tempo, resolveu efectuar um torneio, participando nele Micó, Valdés, Ben Buker e Pascoal.

Valdés (nosso conhecido) derrotou Micó por pontos e como Buker não pode combater por estar magoado num punho, discutiu-se no dia 26 do corrente, entre Pascoal e Valdés, a segunda meia-final.

A hora a que escrevemos, ainda se ignora o resultado. Palpita-nos, no entanto, que tudo se imaginou para se realizar um combate entre Pascoal Garcia e Ben Buker, o recente vencedor de Beltran, juntando o útil ao agradável.

## TÊNIS

### A Taça Davis

Segundo declarou C. R. Glanville, membro influente da Associação Britânica de Lawn-Tennis, as próximas finais da Taça Davis devem disputar-se na Austrália.

O motivo determinante de tal acontecimento foi a Austrália ser detentora do famoso troféu. De facto, em 1939, os tenistas australianos, após terem ganho, em 1939, a competição inter-zonas — eliminando a Sudestária — derrotaram os Estados Unidos na *challenge round* por 3 vitórias a 2.

A Taça Davis, instituída pela primeira vez em 1902 e ganha pela equipa americana, é uma espécie de campeonato mundial de carácter colectivo.

Os Estados Unidos conquistaram-na 11 vezes, a Inglaterra 9, a França 6, a Australásia 4 e a Austrália 3. Em 1910 e nos anos de guerra não se disputou (1915 a 1919 e 1940 a 1945).

## FUTEBOL

### O «match» Inglaterra-País de Gales

A recente derrota do onze nacional inglês frente ao onze galês, a 21 do corrente, por uma bola a zero, teve foros de calamidade.

A Inglaterra havia vencido por igual resultado a Irlanda, no primeiro desafio internacional da época. Nessa ocasião, o comportamento de Tommy Lawton, célebre avançado-centro, constituiu um verdadeiro fracasso e os seleccionadores resolveram rejuvenescer o grupo excluindo quatro titulares. Sucedeu, porém, o inesperado: Lawton efectuou no mesmo dia um jôgo soberbo pelo seu clube, no campeonato da Liga, e Albert Stubbins, o substituto, apenas cumpriu sem rasgos o seu papel.

É certo que Lawton sofria de uma distensão muscular de certa importância, mas parece ter havido precipitação desnecessária da parte dos seleccionadores.

Há muito tempo que a Inglaterra não perdia um jôgo disputado em sua casa. Para cúmulo, o marcador do tento vitorioso veio de avião da Alemanha e foi um demónio vivo a entusiasmar a linha dianteira do País de Gales.

Mattews mostrou-se figura apagada no lugar de ponta, embora considerado indiscutível, na linha, desde 1939.

Final, a injeção de juventude tão apregoada pela imprensa inglesa não bastou para ganhar aos «onze demónios» do País de Gales!

### As «Ligas» em Espanha

A jornada do passado domingo das «Ligas», Primeira e Segunda, foi das mais interessantes. Os Grandes Clubes, como em Portugal, descem. Outros, menos importantes, sobem.

Na Primeira Liga verificaram-se estes resultados: Gijon 1 — Real Madrid 1; Espanhol 1 — Sevilha 1; Alcoyano 1 — Castellon 1; Aviação 3 — Celta 2; Bilbao 6 — Hercules 0; Valencia 0 — Barcelona 1; Murcia 0 — Oviedo 3.

Segunda Liga; Real Sociedade 2 — Corunha 0; Cordova 3 — Xerez 0; Saragoça 1 — Sabadell 2; Ferrol 4 — Salamanca 2; Santander 3 — Maiorca 1; Tarragona 3 — Granada 3; Betis 2 — Ceuta 1.

Estão à cabeça, respectivamente, o Oviedo e o Sabadell.

RAFAEL BARRADAS

## FLECHA

é a melhor bicicleta

# Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das

atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes



106 — Martínez, campeão de Espanha e seleccionado contra Portugal.

O campeão espanhol deste ano em saltos em altura emprega um estilo de rolamento completamente diferente do que é usado pelos saltadores portugueses; nem procura viragem fácil, como Durães, nem salta agrupado como

braços (6) desceram adiante e puxam o tronco para cima da barra.

Em C a posição que se esboçava está definida; o pé direito e os braços (7) chegaram sobre a barra e o tronco (8) está já assentadamente flectido sobre a bacia.

A perna livre (9) mantém-se invariavelmente estendida e a de chamada (10) flectiu bastante pela anca e pelo joelho mas conserva ainda um ângulo de abdução que se pode interpretar como deficiência de coordenação.

A quarta imagem, D, mostra-nos o saltador em cima do obstáculo, perfeitamente horizontal, braços (11) e perna direita (12) estendidos à frente do corpo e da bacia; mas a perna esquerda (13) encontra-se claramente em atrazo, porque devia encontrar-se já com o joelho

mais alto e o pé metido por debaixo da companheira. Outra imagem posterior esclarecer-nos-ia sobre a sequência do trabalho deste sector, mas admitindo mesmo que a esquiava se faz por extensão posterior, a posição não é correcta porque seria excessivo o avanço do joelho. Em caso de rolamento simples, que é o provável, aquêlo joelho



esquerdo vai ser factor de derrubes frequentes.

Repare-se na manobra do pé direito (14) para auxiliar a rotação: lançado com a ponta no vertical no momento da subida da perna, vai rodando para baixo e para diante à medida que avança para cima da barra, até completar os 90° na fase decisiva.

Salazar Carreira

Matos Fernandes, transpondo a barra mais em extensão e sobre o flanco, com estilo que parece perfeito até ao fim da trajectória ascendente mas necessita ainda de aperfeiçoamento na posição de transpor a barra e nas manobras preparatórias da queda.

Lamento não possuir uma fotografia do saltador em fase mais adiantada do salto, que me permitisse tirar mais segura conclusão.

A chamada é feita com a maior eficiência como se deduz de A; a perna de impulsão (1) estendeu-se por completo e o esforço muscular dos extensores do pé está evidente na posição que este ainda

conserva. A perna livre foi lançada em completa extensão (2) e sabe-se que o impulso ascensional é tanto mais forte quando mais comprida for a alavanca; a perna foi lançada logo em abdução, em sentido oblíquo à barra, no propósito evidente de provocar a horizontalização do corpo com o eixo longitudinal paralelo à barra.

Os braços (3) foram atirados francamente para cima, a fim de auxiliarem a elevação e, em consequência, a posição do tronco mantém-se apurada.

Em B, a atitude modificou-se devido sobretudo à acção dos braços. Enquanto a perna livre prossegue a sua trajectória sempre em completa extensão (4) e a companheira (5) se flecte pelo joelho para dela se aproximar, contribuindo assim também para a subida da bacia, ambos os



**A ILUMINANTE**

MATERIAL ELÉCTRICO  
PARA TODAS AS  
APLICAÇÕES

A CASA QUE OFERECE MELHORES PREÇOS E SERVE COM A MELHOR RAPIDEZ

Avenida Almirante Reis, 6  
Largo do Intendente, 11 e 17

TELEFONES: } 46186  
                  } 46187  
                  } 51146

**LISBOA**





## A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



1—A brilhante atiradora, D. Maria Aquino, da Sociedade de Tiro n.º 2, fazendo a prova de carabina. 2—O conhecido atirador portuense, sr. Carlos Botelho, da Sociedade de Tiro n.º 43, vencedor da prova de pistola. 3—Um grupo de concorrentes à «Insignia Desportiva» levada a efeito pela F. N. A. T. 4—Raul de Oliveira, director do nosso colega «Mundo Desportivo», falando na Casa dos Pescadores da Costa da Caparica, numa sessão presidida pelo sr. comandante Henrique Tenreiro. 5—O sr. Jorge Leitão discursando nas festas do Sporting Club da Penha



# Stadium

## na capital do Norte

UM ATLETA  
POR SEMANA...

### De 8 em 8 dias

#### O aniversário do "velho" Fluvial

O glorioso e antigo Clube Fluvial Portuense está a comemorar a passagem de mais um aniversário com um programa no qual se contam diversas provas desportivas, com a participação dos atletas seus associados.

O «velho» Fluvial costuma festejar estas datas com solenidades que o impõem à consideração e ao respeito dos clubes da cidade e do país. A imprensa não esquece o muito que ele tem feito em prol do desporto português. É o Fluvial um autêntico alfofre de dedicações sãs e sinceras; os seus dirigentes são figuras que se impõem pela sua personalidade, amor e carinho à organização; e vive quase exclusivamente desse amor.

Recordar o Fluvial é repassar na memória acontecimentos que venceram uma época, que delinearam uma colectividade, que formaram um critério, que firmaram uma posição. Ele é o verdadeiro expoente do que muito pode fazer a boa vontade posta ao serviço da melhor das causas.

#### Chelas, um guarda-rêdes de futuro...

A análise do mapa da classificação geral da 1.ª divisão do campeonato regional portuense indica que o guarda-rêdes do Ramaldense, Chelas, sofreu na 1.ª volta nada menos de 20 bolas, tendo o seu clube ficado na cauda da classificação. Entretanto, Lamas, do Salgueiros, sofreu o mesmo número, embora o seu clube tivesse ficado em 3.º lugar; e o do Leça «admitiu» 24, com 2 pontos a mais do que o Ramaldense.

De facto, o guarda-rêdes tricolor, num grupo de superior classe, daria muito que escrever à crítica e que falar aos ferrenhos do futebol.

Não sabemos, nem podemos prever quando escreveremos este «suelto», qual terá sido resultado do jogo inicial da 2.ª volta entre salgueiristas e ramaldenses...

É que o Chelas, além de ser um guarda-rêdes de categoria, tem pela frente um «duo» de defesas que é de respeito...

#### Tiro reduzido

Esta modalidade desportiva teve, em tempos, extraordinário movimento, tendo-se registado revelações entre os atiradores dos diversos clubes. Hoje, quase nada se vê. Parece que está adormecida. Salvo o torneio promovido pelo Fluvial, nada mais se conhece. E, no entanto, ainda há alguns

clubes que contam secções de tiro reduzido com uma frequência regular. Depois que os «Fenianos» deixaram de ter essa secção, que rivalizava com as do Orfeão do Pôrto e do Sport, parece que o «tiro reduzido» entrou em decadência, o que é de lastimar.

#### Uma carta de aplauso à nossa acção

Do «Conselho Disciplinar, Educativo e Social» do antigo e prestigioso «Boavista F. Clube» recebemos uma carta de apreciação aos nossos trabalhos de propaganda desportiva, da qual extraímos a abertura e o fecho:

«Acaba este Conselho Educativo de tomar conhecimento de que V., como redactor da revista «Stadium», proferiu no pósto emissor da «ORSEC» uma palestra desportiva, na qual fez apreciações bem elogiosas à acção como este Clube vem orientando os princípios fundamentais que todo o atleta deve possuir, bem assim, fazendo um apêlo para que o exemplo frutifique».

«E este Conselho, ao saber da forma como V. apreciou a sua acção, só tem que lhe apresentar os seus melhores agradecimentos e desejos de prosperidades para a revista que tão dignamente representa».

Assina esta carta o sr. Fernando Moreira, dirigente do Boavista.

O motivo por que transcrevemos para aqui esta carta, em parte é devido ao facto de desejarmos patentear que não nos encontramos só nesta tarefa árdua, extenuante e pouco espantosa da propaganda dos bons princípios desportivos, expondo a sua doutrina tal como a entendemos e julgamos.

Só espinhos, só embaraços nos surgem a cada momento. Ainda há dias isso se verificou numa das sessões culturais do organismo a que nos reportamos neste «suelto», pois faltou um dos oradores indicados para essa sessão.

## O BOAVISTA e a sua orientação

Boavista F. C., dos mais antigos e também dos mais populares da capital do Norte, inaugurou, no último domingo, as suas instalações sanitárias no velho campo do Bessa. Completas e modernas.

Cumpriu, assim, com uma promessa, — oportunamente feita ao Senhor tenente-coronel Sacramento Monteiro. E melhorou, claro está, as suas instalações. Trata-se de uma colectividade briosa, dirigida por desportistas de primeiro plano, não nos surpreendendo, deste modo, o seu dedicado espirito de sacrificio.

## MOSAICOS nortenhos...

O LEIXÕES, tal como se esperava, bateu o pé ao F. C. do Pôrto, no seu campo de Matozinhos. Os campeões, não jogando melhor, antes pelo contrário, ganharam o desfecho. Diz-se: «o resultado não está certo, a vitória não foi justa...»

Discordamos. Os bons grupos de futebol nem sempre jogam melhor do que os «maus grupos». O que sabem, às vezes... é ganhar! É um segredo que os campeões aproveitam admiravelmente e na altura própria. Daí o ser áro julgar-se muitas vezes pelo trabalho técnico das equipas... O verdadeiro índice — é dentro da rede que se lira!

IMPRESSIONOU a última reportagem da nossa revista sobre o Estádio do F. C. do Pôrto. Oxalá as coisas possam correr à medida dos bons desejos várias vezes manifestados pelos associados do popular campeão.

O ACADEMICO, que mesmo sem «team» de futebol é um bom clube, conquistou novo campeonato regional de «hockey» em patins. O trabalho insistente do popular clube pôde aparecer ao de cima, nesta modalidade, e por isso estão de parabéns os campeões e os seus dirigentes.

Também merecem felicitações os seus adversários. Além, mesmo, o F. C. do Pôrto — último classificado. Os componentes da «equipa» de «hockey» do F. C. do Pôrto deram provas de extraordinária dedicação. Perderam sempre, e por números elevados. Entretanto, contra bom adversário — esperaram mela hora para não ganhar «por falta de comparência»!

Que poderemos dizer de um grupo ou de um clube que procede assim?

EDUARDO SOARES, nosso prezado colaborador, foi nomeado instrutor de atletismo da Mocidade Portuguesa na capital do Norte.

Todos sabemos que Eduardo Soares, competente neste ramo de desporto, é muito capaz de produzir obra digna de ser considerada. Cumpre-nos, entretanto, felicitar-lo pela distinção que lhe foi confiada.



FERNANDO MOREIRA, campeão nacional de velocidade, na categoria de «Independentes» — é um produto do F. C. do Pôrto. Nunca envergonhou outro camisola.

Principiou na categoria de «Iniciados» e deu desde logo boa conta de si. Depois, rapidamente, passou a amador-júnior, amador-senior e independente, isto aos 18 anos. Na categoria máxima, Fernando Jorge Moreira obteve magníficas vitórias. Na última época, no campeonato nacional de fundo, 200 km., Fernando Moreira classificou-se em 2.º lugar — e até quando se aguardava o seu triunfo, por se tratar de um ciclista veloz e haver entrado no Estádio junto de João Rebelo.

Por fim — ganhou a consideração do público, revelando-se um bom «sprinter» durante as provas do Estádio. A sua vitória sobre João Lourenço, no campeonato nacional de publicidade — quasi não surpreendeu...

Fernando Moreira, em pleno Café da Brasileira, onde se reúnem sempre atletas e sócios do clube campeão, disse-nos há semanas:

— Este vitória agradou-me extraordinariamente. Quando venci, na 1.ª série, não duvidei do resultado final. João Lourenço, claro está, é um campeão. E como tal se portou.

— Gostei mais da pista?

— Sim. Na estrada não se pode lutar sem sorte.

— Teve pena de não ir à «Volta a Espanha»?

— Muito. Não fui, como sabe, por ter menos de 20 anos.

O meu chefe de equipa, Aniceto Bruno, diz-me que tenho muito tempo à minha frente. Logo, aguarda-se que a vida militar termine, para fazermos depois...

— V. é militar?

— Ainda não. Mas fui apurado.

— Isso pode impedir a sua preparação?

— Talvez. É natural que a próxima época seja má. Aniceto Bruno não deixará de me dirigir com a sua habitual competência.

— Uma última pergunta: — continua no F. C. do Pôrto?

— Nunca tive outro.

O caso favorece-nos, muitas vezes. Há dias aconteceu assim. Encontrar em Lisboa, numa altura em que devem ser bem recebidas notícias de Coimbra, um amigo como Luis Lucas, — é ter sorte...

— Cá por Lisboa, meu caro Luis Lucas? Então sempre é verdade que deseja levar o Julinho para o União de Coimbra?... Ou o João Silva?

— Frio... frio...  
— A sério?  
— A sério, sim senhor. Sobre estes dois jogadores, nada feito. Não se passou de boato...

Esta conversa principiou em pleno Rossio. Por engraçada coincidência, estava junto de nós um simpático e antigo jogador da Académica, Flávio Matos, hoje dirigente do Desportivo de Tondela. Todos conhecidos e amigos. Por isso, a «discussão» generalizou-se.

— Mas o União ganhará o campeonato?

— Claro! No próximo jogo, o União também vai marcar «goals». Não se pense que vamos defender, apenas. De qualquer das ma-

# Stadium na província

## SÔBRE COIMBRA...

### Luís Lucas afirma

que o União ganhará o Campeonato

**Conversa-se um pouco de tudo: de jogadores, de clubes, e também do próximo UNIÃO-ACADÉMICA**

neiras, ganharemos o campeonato. O União possui bom grupo e todos contam com ele.

— Todos? — observou Flávio Matos. Eu ainda conto com a Académica. Esperamos o Gomes da Costa... e deve surgir outra surpresa!

— Qual?

— Não digo. Mas a Académica vencerá!

— Pois sim, mas o União vai estar presente no Campeonato Nacional — observou Luis Lucas. Agora, se houver alargamento... Se de Coimbra vierem dois representantes... Mas isso só poderá acontecer se o F. C. do Porto não for 2.º no capital do Norte ou o Benfica ou outro «grande» de Lisboa se não classificarem convenientemente.

Nem precisávamos de interrogar. Os dois amigos, adversários clubistas, encarregavam-se de fornecer motivos para um possível esclarecimento aos que perguntam constantemente: — «O que há por Coimbra?»

— Ora — tudo caminha admiravelmente, — disse Luis Lucas, o marechal no 1.º dos unionistas. O meu clube, o ano passado, tinha 400 sócios. Pois já vai em 2.000 e chegará a muito mais, logo que for campeão.

«Além disso — temos uma grande novidade, um extraordinário benefício...»

— Pode saber-se?

A pergunta era nossa. O Luis Lucas dissera as suas últimas palavras com certo ar de mistério...

— Estamos entre amigos. Pois aí vai a novidade: — a Federação concedeu ao União 50 contos, para beneficiar o seu campo da Arregaça.

— Também será construído o Estádio Universitário para os estudantes — afirmou Flávio Matos, como represália.

Luis Lucas não se continha. Para nós, tudo corria à maravilha. Eis o que ouvimos mais ao activo dirigente coimbricense:

— No dia do União-Académica, Coimbra vai reviver as suas grandes jornadas desportivas. Vibrará! Há-de ser emocionante o desafio entre os do meu clube e os acadêmicos. Uma coisa vos garanto: — A Académica, para nos vencer, tem de jogar muito.

— Mas dizem que os estudantes melhoram de jogo para jogo — observamos.

— E então nós estamos parados? O União, acredite, possui um «team» jeitoso. O ataque agrada-me extraordinariamente. Gomes e Jesus estão a jogar muito. E Ermitério também. Por isso, confio nêles. O União ganha!

Luis Lucas é um optimista. Tem ainda a seguinte opinião: «os unionistas são os melhores do mundo...»

Mas a Académica tem a sua influência. E o seu valor. Prepara-se por certo com unhas e dentes.

## Notas e novidades

**ENTRONCAMENTO** — A contar para o campeonato regional, disputou-se no Campo do Bairro Camões um jogo entre os grupos representativos de Entroncamento e de Abrantes.

Arbitrou o sr. J. Carlos de Melo e os grupos alinharam: Ferroviários: — Simões; Rodrigues e Maia; Veiga, Lúcio e Alfaia; Esteves, Calado, Duarte, Bernardo e Branco.

C. Povo de Abrantes: — Veiga; Ferreira e Samuel; Amora, Videira e Florival; Gaspar, Gonçalves, Melo, Bogalho e Bastos.

Ao intervalo 0-0. O grupo de Abrantes mostrou mais técnica na 1.ª parte, não conseguindo marcar devido à boa exibição do tio defensivo do Ferroviários.

Na 2.ª parte, o grupo local marcou o seu 1.º tento aos 35 minutos por intermédio de Duarte, aproveitando com inteligência uma passagem do lado direito.

O mesmo jogador, aos 42 minutos, na sequência de um livre de Rodrigues, fixou o resultado em 2-0.

Nesta parte o Ferroviários foi superior ao seu adversário e ajustou-se perfeitamente o resultado do jogo.

Distinguíram-se, no Ferroviários, o trio defensivo, Veiga e Duarte. Lúcio, enquanto não se habituou a baixar o jogo passando bolas rasteiras aos seus dianteiros, não consegue agradar-nos plenamente.

No Grupo abrantino, os melhores foram: — Samuel, Videira e a asa esquerda.

A arbitragem, regular. — (F. N.)  
**SALVATERRA DE MAGOS** — O Estrela Salvaterrense ganhou por 2-0, após um animado desafio de futebol, ao 1.º grupo do Águia de Santarém.

O desafio foi disputado com grande entusiasmo, de lado a lado, tendo-se marcado um tento em cada parte: — na primeira, por Alfredo Magalhães, e na segunda, por João Tavares.

Os adeptos do Estrela, no fim do jogo, levaram o guarda-rêdes do Águia em triunfo.

Os jogadores do Estrela são dotados de muita habilidade para a prática do futebol. E pena que não possam disputar o campeonato.

**TOMAR** — No campeonato desta zona há a salientar o reaparecimento do Torres Novas e do excelente avançado centro do Sporting local, Israel António Alves Cordeiro, que, devido ao facto de ter fracturado um pé, se encontrava afastado, há bastante tempo, das lides da bola. — (Vasco Jacob)

**JUNCAL** — Para inauguração do novo campo de jogos de S. Martinho de Aliviada, foi pedida a deslocação dos seguintes clubes: — F. C. do Marco, G. D. da Livração e S. C. Salvador.

Em jogo amigável, o S. C. Aliviada perdeu por 7-1 com o F. C. do Marco.

## FRANCISCO NOVEJARQUE

Presidente da Sociedad Española de Problemistas de Ajedrez

### é o juiz do nosso CONCURSO DE COMPOSIÇÃO

A O promovermos o nosso primeiro concurso internacional de Problemas, visando, entre outros objectivos, o desenvolvimento da modalidade nos círculos novos do Xadrez nacional e o incremento do intercâmbio problemístico luso-espanhol, sabemos que fomos empreender uma iniciativa de considerável projecção nos laços especializadas da Península.

O movimento de solidariedade manifestado pelos problemistas hispânicos, ao receberem o convite colectivo que dirigimos aos membros da S. E. P. A., demonstra bem o interesse que lhes merecem os progressos dos seus colegas lusitanos, no árduo campo da causa comum.

Naturalmente, fazia parte do nosso plano de organização providenciarmos no sentido de que o veredicto das provas correspondesse, pela sua importância, às expectativas criadas à volta do nosso empreendimento. Era ponto capital para o seu bom êxito.

Crêmos que fomos felizes na escolha da individualidade que exercesse o elevado cargo de Juiz do Concurso de Composição.

As qualidades de D. Francisco Novejarque, presidente da S. E. P. A., sempre tão flagrantes das diversas vezes que tem exercido aquela difícil missão, são por demais conhecidas por todos os adeptos do Problema, para tecermos aqui o seu elogio.

Estamos certos — e, indubitavelmente, todos os nossos futuros colaboradores nos acompanharam nesta certeza — de que mais uma vez nos será proporcionada a oportunidade de admirarmos o talento e firme critério do grande Mestre do Problema ibérico.

### Concurso de Soluções

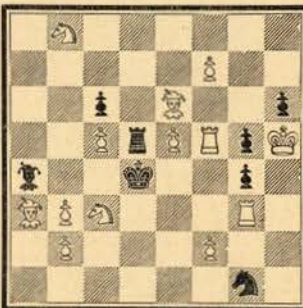
Em homenagem às comprovadas qualidades de compositor do

Juiz do nosso Concurso de Composição, inserimos hoje um trabalho da autoria daquele notável problemista, justamente premiado no último Campeonato de Produção da S. E. P. A.. Trata-se do mais recente triunfo de Francisco Novejarque — este magnífico problema que oferecemos à sagacidade dos nossos leitores.

### PROBLEMA III

Francisco Novejarque

S. E. P. A., 1944



1.ª PRÉMIO Mate em 3 lances

Atendendo o desejo manifestado por muitos leitores que se atrasaram no envio das soluções dos primeiros problemas, resolvemos prorrogar o prazo de entrega até 17 de Novembro.

Os envios devem passar a ser remetidos directamente ao Juiz deste concurso, Vasco Casimiro dos Santos, Praça das Flores, 15-1.º Lisboa.

O prazo para a entrega das soluções deste número é de 3 semanas para os concorrentes de Lisboa e Província e de um mês para os das Ilhas adjacentes e Espanha.

papel eminentemente defensivo. Nunes, um jogador que regressa à vida dos campos, defende de cabeça as suas rédeas, ante a expectativa dos companheiros. Nunca fiando — Armando Ferreira está à espreita!



Valongo, firme e seguro, apesar do Sporting sofrer dura punição, também se viu na necessidade de trabalhar a sério e com entusiasmo

# ESTORIL *venceu* SPORTING. Que surrêsa!



Magalhães, que se estreia no grupo de honra dos «leões», entra em acção com rapidez. Não há perigo por enquanto!



O salto acrobático de Espírito Santo tem batido, muitas vezes, as melhores defesas. O conhecido jogador vê a sua acção entravada pelo vigoroso punho de Eduardo Santos, um guarda-rédeas que volta a estar em foco

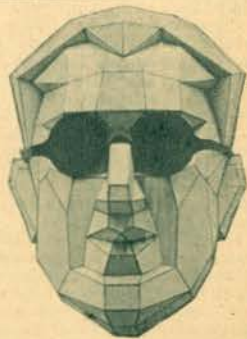
## Os JOGOS do PORTO



A defesa a sóco é sempre um recurso do guarda-rédeas, quando apertado pelo adversário. Oscar sabe do seu ofício!



Oscar defendem muito! Nem pode deixar de ser. Araújo e Joaquim atacam com ímpeto



**GIL  
OCULISTA**

FUNDADA EM 1855  
Deposítaria das lentes "ZEISS"  
Binóculos, Termómetros  
Bússolas de marcha, etc.  
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140  
Telefone 22829 LISBOA